



Recebido em: 14/06/2014

Aceito em: 09/07/2014

É Possível estudar a religião popular judaica a partir da literatura bíblica?

Ágabo Borges de Sousa¹

lattes.cnpq.br/6724020245259228

Resumo:

É comum percebermos uma leitura do Antigo Testamento a partir de uma compreensão monoteísta, sem observar a complexidade da religiosidade popular do antigo Israel. A pergunta regente deste texto nos desafia a um olhar crítico à leitura da vivência religiosa de Judá e Israel no período monárquico e seu confronto com o movimento profético, bem como o estabelecimento da *Torah*. Observamos que é possível, sim, perceber uma religiosidade popular refletida nos textos do Antigo Testamento, destacando, contudo que parte do movimento profético se opunha a essa religiosidade e que o movimento deuteronomista caminha na mesma direção. Pois ambos entendem que um monoteísmo prático poderia ser libertário, colocando todos em um mesmo patamar, possibilitando assim o estabelecimento da justiça comunitária: o *tzedeqah*.

Palavras chave: Bíblia, Religiosidade popular, Profetismo.

Abstract:

It is common to understand the Old Testament from a monotheistic perspective, without observing the complexity of the ancient Israel's popular religion. The question, which motivate this text challenges us to look critically the religious life of Judah and Israel in the monarchic period, his confrontation with the prophetic

Professor de Filosofia Geral na UEFS; pesquisador do NEF/UEFS; do Oráculo/UMESP. Pós-doutorado em Ciências da Religião do IEPG/UMESP e do Grupo de Pesquisa em Hemenêutica e Ontologia/UEFS.

movement, and the establishment of the Torah. It is observed, that it is possible to realize a popular religiosity reflected in the texts of the Old Testament, highlighting, however, that part of the prophetic movement opposed this religiosity and the Deuteronomistic movement headed in the same direction. Both understand that a practical monotheism could be libertarian, putting everyone on the same level, thus enabling the establishment of community justice: the tzedeqah.

Keywords: Bible, popular religiosity, Prophetic

Introdução:

A pergunta em nosso título deverá reger a abordagem neste texto, pois ela foi levantada para que se pensasse uma prática religiosa refletida nas Escrituras, uma vez que, via de regra, pensamos na literatura bíblica como o testemunho do monoteísmo Jahwístico e, por isso, temos dificuldade de ver a complexidade das questões que envolvem a compreensão de uma única divindade.

Devemos primeiramente destacar que o conceito "religião popular" não é muito fácil de ser esclarecido, pois tem diversas implicações pelo seu *compositum*. Porém, para não entrarmos na discussão do que é popular e do que é religião, gostaríamos de pensar em religião como "sistema de crença bem como de relação e ação"². Trata-se de um sistema de ação que é dirigido a entidades cuja existência, ou compreensão do ser, não está aberta à observação e suas ações são em forma ritualística. Quanto ao popular, queremos pensar nas expressões que não estão limitadas à oficialidade religiosa, todas as expressões que envolvem a sociedade e estabelecem uma "visão de mundo" expresso também em forma de ritos.

A despeito do que normalmente pensamos, a religiosidade do antigo Israel e Judá não era dirigida apenas a *Jahwe*; haviam muitas divindades que eram veneradas, das quais conhecemos alguns relatos. A própria formação do jahwismo vem carregada de influências desde a sua origem. Êxodo 18 destaca o fato de que é Jetro, sogro de Moisés, sacerdote medianita, que legitima o sacrifício a *Elohim*, designação que se tornou genérica no uso dos textos do Antigo Testamento, mas que originariamente designava a divindade cananéia, deus criador de todas as coisas, cuja consorte era *Asherah*.

A literatura bíblica é um reflexo da vida de um povo, onde sua história é apresentada, considerando a relação deste com uma divindade chamada de *Jahwe*. Sendo assim, podemos perceber sua dinâmica e sua complexidade nos textos e isso inclui sua religiosidade.

É importante destacar que a religiosidade do antigo Israel - grandeza difícil de definir politicamente - vai se desenvolvendo a partir de múltiplas relações. Pois, o povo se forma a partir de um grupo de escravizados em uma mistura de gente e no percurso de sua formação vai tendo contato com outras nações e assimilando vários elementos culturais, sobretudo religiosos, pois estes lhe possibilitam perceber o "mundo novo" da conquista. Com o olhar de quem já estava por lá e tinha uma "visão de mundo" específica, refletida na expressão religiosa. Poderíamos pensar a partir das sagas patriarcais, que vão dar a identidade cultural

² MAIR, Lucy. Introdução à Antropologia Social. 6ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984, p. 199.

a este povo, especialmente o episódio da saída de Jacó da casa de Labão, quando Raquel leva os *teraphins*, que Labão identifica como seus "deuses" (Gen 31,30-35).

E agora se querias ir embora, porquanto tinhas saudades de voltar à casa de teu pai, por que furtaste os meus deuses? Então respondeu Jacó, e disse a Labão: Porque temia; pois que dizia comigo, se porventura não me arrebatarias as tuas filhas. Com quem achares os teus deuses, esse não viva; reconhece diante de nossos irmãos o que é teu do que está comigo, e toma-o para ti. Pois Jacó não sabia que Raquel os tinha furtado. E ela disse a seu pai: Não se acenda a ira aos olhos de meu senhor, que não posso levantar-me diante da tua face; porquanto tenho o costume das mulheres. E ele procurou, mas não achou os ídolos.

Chamamos a atenção ao fato de que o texto começa dizendo que Jacó teria ido atrás de seus deuses (*Elohim*), mas na narrativa o que está em questão são as imagens cultuais, ídolos (*teraphins*). Isso nos leva a entender que os deuses domésticos de Labão são ídolos, são imagens iconoclásticas, possivelmente esculturas pequenas, fáceis de serem escondidas.

Isso já é um indício de que havia uma prática de deuses domésticos - claro que aqui denota uma influência "externa". Esta saga se mantém viva chamando a atenção a uma rejeição da prática, que, possivelmente, se tornou muito comum na experiência do povo, pois além de uma religiosidade voltada para os santuários, que não se reduzia a Jerusalém por um longo período da história, havia expressões de religiosas domésticas que exerciam grande influência na visão de mundo do povo.

Religiosidade Popular no período Monárquico:

Seria um empreendimento muito demorado falar da religiosidade popular em toda a história do antigo Israel, como está testemunhada nas Escrituras; por isso, vamos nos limitar ao período monárquico. A razão principal de nossa limitação está no fato de que neste período há uma grande discussão em torno deste tema, sobretudo com o movimento profético, que irá rejeitar esta multiplicidade de expressões religiosas e de divindades, bem como o processo de formação da *Torah*, que irá propor uma religiosidade jahwista monoteísta.

Para chegarmos lá, precisamos de passagem citar o fato de que na organização do império Salomônico houve uma série de pactos de casamento que possibilitou a introdução de várias divindades na vivência do povo em Jerusalém (I Rs 11,1-8).

E o rei Salomão amou muitas mulheres estrangeiras, além da filha de Faraó: moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, das nações de que Jahwe tinha falado aos filhos de Israel: Não chegareis a elas, e elas não chegarão a vós; de outra maneira perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses. A estas se uniu Salomão com amor. E tinha setecentas mulheres, princesas, e trezentas concubinas; e suas mulheres lhe perverteram o coração. Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; e o seu coração não era perfeito para com Jahwe seu Deus, como o coração de Davi, seu pai. Porque Salomão seguiu a Astarote, deusa dos sidônios, e Milcom, a abominação dos amonitas. Assim fez Salomão o que parecia mal aos olhos de Jahwe; e não perseverou em seguir a Jahwe, como Davi, seu pai. Então edificou Salomão um alto a Quemós, a abominação dos moabitas, sobre o monte que está diante de Jerusalém, e a Moloque, a abominação dos filhos de Amom. E assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras; as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses.

Este texto já nos ajuda a perceber que a religiosidade no período de Salomão era multiforme, com uma grande diversidade de expressões religiosas e divindades. Há muita citação da vivência religiosa do povo, tanto do Jahwismo defendido pelos profetas, quanto das práticas cúlticas populares, especialmente no período da monarquia tardia, entre o VI e o IV sec. a.C.

Devemos destacar o fato de que a mitologia neste período, no Médio Crescente, é extremamente complexa e abundante, sem, contudo, nos possibilitar uma relação clara das divindades entre si. Uma leitura superficial dos textos do Antigo Testamento nos deixa a ideia de que cada "nação", cada "povo" teria sua devoção a uma divindade, como uma espécie de "deus nacional": Judá e Israel seria *Jahwe*; Amonitas *Milkon*, os Moabitas *Kemosh*; Asdoditas *Dagon* entre outros. Contudo, a realidade daquela época tinha outra dinâmica, mesmo porque há disputas para estabelecer quem seria a divindade nacional.

Podemos perceber, nos textos do Antigo Testamento, uma grande polêmica pela veneração de "deuses estranhos ou estrangeiros", o que denota uma prática muito comum e intensa, o que sugere dizer que esta fazia parte da devoção familiar; logo, não eram tão estranhos. Muito pelo contrário, estes eram muito conhecidos, aparentemente mais conhecidos em sua devoção "popular" que o Deus "oficial", que era *Jahwe*. Apenas para citar os mais conhecidos no Médio Crescente, segundo os textos: *Ba'al*, *Tammuz*, *Astarte*, *Ashera*, o Rei dos Céus, o Sol, a Lua e as Estrelas. É interessante chamar a atenção que assim como *Kemosh* e *Ashtar* formavam um par, o *Jahwe* de Judá tinha, em alguns textos, *Ashera* ao seu lado.³ Na mitologia cananéia essa deusa era consorte do deus maior *El*, que era o criador

³ WEIPPERT, Helga. Palästina In: Vorhellenistischer Zeit (Handbuch der Archäologie Bd. I), C. H. Beck, München, 1988. p. 621.

do mundo e dos povos, daí vem a influência que a liga a *Jahwe*, pois com o jahwismo, é como se o lugar de *El*, fosse ocupado por *Jahwe*, por isso muitas vezes os textos do Antigo Testamento usa o termo *elohim*, para uma designação geral de deus.

Por ocasião da divisão dos reinos de Judá e Israel, temos o relato da construção de dois santuários: um em Dan outro em Bethel, pois o templo de *Jahwe* ficava em Jerusalém. O texto não deixa muito claro se os bezerros de ouro eram realmente *Jahwe* ou outra divindade (I Rs 12,25-33).

E Jeroboão edificou a Siquém, no monte de Efraim, e habitou ali; e saiu dali, e edificou a Penuel. E disse Jeroboão no seu coração: Agora tornará o reino à casa de Davi. Se este povo subir para fazer sacrifícios na casa de *Jahwe*, em Jerusalém, o coração deste povo se tornará a seu Senhor, a Roboão, rei de Judá; e me matarão, e tornarão a Roboão, rei de Judá. Assim o rei tomou conselho, e fez dois bezerros de ouro; e lhes disse: Muito trabalho vos será o subir a Jerusalém; vês aqui teus deuses, ó Israel, que te fizeram subir da terra do Egito. Pôs um em Betel, e colocou o outro em Dã. E este feito se tornou em pecado; pois que o povo ia até Dã para adorar o bezerro. Também fez casa nos altos; e constituiu sacerdotes dos mais baixos do povo, que não eram dos filhos de Levi. E fez Jeroboão uma festa no oitavo mês, no dia décimo quinto do mês, como a festa que se fazia em Judá, e sacrificou no altar; semelhantemente fez em Betel, sacrificando aos bezerros que fizera; também em Betel estabeleceu sacerdotes dos altos que fizera.

Com base em Ex. 31 (4-5) poderíamos dizer que estes bezerros representam *Jahwe*.

E ele os tomou das suas mãos, e trabalhou o ouro com um buril, e fez dele um bezerro de fundição. Então disseram: Este é teus deuses, ó Israel, que te tirou da terra do Egito. E Arão, vendo isto, edificou um altar diante dele; e apregoou Arão, e disse: Amanhã será festa a *Jahwe*.

Se percebermos este texto de Êxodo como uma espécie de espelho do estabelecimento dos bezerros nos santuários, veremos que a teologia deuteronomista e o movimento profético irá atacar frontalmente a ideia de imagens. É importante chamar a atenção ao uso do plural "teus deuses", que pode ser o uso de *elohim*, ou mesmo a ideia de mais de uma divindade. Contudo, devemos ressaltar que estes bezerros poderiam ser *Ashera* e *Ba'al*, como pode ser entendido a partir de II Rs. 17,16.

E deixaram todos os mandamentos de *Jahwe* seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezerros; e fizeram uma

Asera, e adoraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal.⁴

Estes textos já nos deixam claro que havia uma complexidade muito grande de práticas cúlticas, bem como um volume razoável de divindades, sendo algumas concorrentes, como aparece em muitos textos a relação de *Jahwe* e *Ba'al*.

Conhecemos o fato de Acabe construir um templo para *Ba'al* em Samaria

E fez Acabe, filho de Onri, o que era mau aos olhos de Jahwe, mais do que todos os que foram antes dele. E sucedeu que (como se fora pouco andar nos pecados de Jeroboão, filho de Nebate) ainda tomou por mulher a Jezabel, filha de Etbaal, rei dos sidônios; e foi e serviu a Baal, e o adorou. E levantou um altar a Baal, na casa de Baal que edificara em Samaria. I Rs 16,30-32.

Este templo de Acabe mais tarde foi destruído por Jeú, que toma Samaria, matando quem restava da descendência de Acabe. Ali ele faz uma convocação, como sendo adorador de *Ba'al*, para que todos os devotos daquela divindade viessem se apresentar no templo de Samaria. Estando todos no templo ele mandou matar todos os adoradores de *Ba'al* e destruiu o templo como é relatado em II Rs 10,20-28.

Disse mais Jeú: Consagrei a Baal uma assembleia solene. E a apregoaram. Também Jeú enviou por todo o Israel; e vieram todos os servos de Baal, e nenhum homem deles ficou que não viesse; e entraram na casa de Baal, e encheu-se a casa de Baal, de um lado ao outro. Então disse ao que tinha cargo das vestimentas: Tira as vestimentas para todos os servos de Baal. E ele lhes tirou para fora as vestimentas. E entrou Jeú com Jonadabe, filho de Recabe, na casa de Baal, e disse aos servos de Baal: Examinai, e vede bem, que porventura nenhum dos servos de Jahwe aqui haja convosco, senão somente os servos de Baal. E, entrando eles a fazerem sacrifícios e holocaustos, Jeú preparou da parte de fora oitenta homens, e disse-lhes: Se escapar algum dos homens que eu entregar em vossas mãos, a vossa vida será pela vida dele. E sucedeu que, acabando de fazer o holocausto, disse Jeú aos da sua guarda e aos capitães: Entrai, feri-os, não escape nenhum. E os feriram ao fio da espada; e os da guarda e os capitães os lançaram fora, e entraram no mais interior da casa de Baal. E tiraram as estátuas da casa de Baal, e as queimaram. Também quebraram a estátua de Baal; e derrubaram a casa de Baal, e fizeram dela latrinas, até ao dia de hoje. E assim Jeú destruiu a Baal de Israel.

Podemos perceber que a devoção a *Ba'al* era grande neste período e espalhada por todo o território de Israel. A força dos cultos a *Ba'al* e *Ashera* é

⁴Vale ressaltar que na tradição cananéia *Ba'al* tem como consorte *Anat*, porém a mitologia chega no Médio Crescente, especialmente em Israel, com suas adaptações, já que *Ba'al* era o preservador da criação, cujo nome já indica sua função: Senhor, marido, proprietário.

testificada pelo conflito de seus profetas com Elias, quando eles disputam o monte Carmelo. Em I Rs. 18,19:

Agora, pois, manda reunir-se a mim todo o Israel no monte Carmelo; como também os quatrocentos e cinquenta profetas de Baal, e os quatrocentos profetas de Asera, que comem da mesa de Jezabel.

Não podemos deixar de chamar a atenção à quantidade de profetas de *Ba'al* e *Ashera*, sendo oitocentos e cinquenta ao todo, o que reflete a intensidade e popularidade destas divindades no Médio Crescente. Do outro lado temos um profeta de *Jahwe*, que se compreendia como único remanescente dos profetas de *Jahwe*.

Além de Samaria, Dan, Bethel e o Carmelo, que já mencionamos, e Jerusalém, que conhecemos como lugar de peregrinação, conhecemos, ainda, outros lugares de peregrinação cültica, que não são muito destacados, mas que são mencionados nos textos do Antigo Testamento. A Peregrinação, não só aos santuários de *Jahwe*, sacrifícios de animais e cereais, bem como ofertas, fazem parte da religiosidade popular do antigo Israel. Podemos mencionar com Amós 4,4 e 5,5: Betel, Gilgal e Berseba.

Vinde a Betel, e transgredi; a Gilgal, e multiplicai as transgressões; e cada manhã trazei os vossos sacrifícios, e os vossos dízimos de três em três dias. Mas não busqueis a Betel, nem venhais a Gilgal, nem passeis a Berseba, porque Gilgal certamente será levada ao cativeiro, e Betel será desfeita em nada.

Oséias também menciona Gilgal como santuário de peregrinação, mas acrescenta, ainda Bet-Áven:

Ainda que tu, ó Israel, queiras prostituir-te, contudo não se faça culpado Judá; não venhais a Gilgal, e não subais a Bete-Áven, e não jureis, dizendo: Vive Jahwe. Os. 4,15.

Jerusalém também era um grande centro de peregrinação, mas lá, mesmo no templo central, conhecido como templo de Salomão ou templo de *Jahwe*, havia cultos diversos e não apenas a *Jahwe*. Especialmente *Ba'al* e *Ashera* eram cultuados ali. Há registro de que esta disputa entre os adoradores de *Ba'al* e *Jahwe* perpetuou-se durante todo o período monárquico.

Então todo o povo da terra entrou na casa de Baal, e a derrubaram, como também os seus altares, e as suas imagens, totalmente

quebraram, e a Matã, sacerdote de Baal, mataram diante dos altares; então o sacerdote pôs oficiais sobre a casa de Jahwe. II Rs 11,18.

Tinha Manassés doze anos de idade quando começou a reinar, e cinquenta e cinco anos reinou em Jerusalém; e era o nome de sua mãe Hefzibá. E fez o que era mau aos olhos de Jahwe, conforme as abominações dos gentios que Jahwe expulsara de suas possessões, de diante dos filhos de Israel. Porque tornou a edificar os altos que Ezequias, seu pai, tinha destruído, e levantou altares a Baal, e fez um bosque como o que fizera Acabe, rei de Israel, e se inclinou diante de todo o exército dos céus, e os serviu. E edificou altares na casa de Jahwe, da qual Jahwe tinha falado: Em Jerusalém porei o meu nome. Também edificou altares a todo o exército dos céus em ambos os átrios da casa de Jahwe. II Rs. 21,1-5.

A presença de *Ba'al* em Jerusalém se torna tão forte que será fonte de crítica profética, com vemos em Sof. 1,4.

E estenderei a minha mão contra Judá, e contra todos os habitantes de Jerusalém, e exterminarei deste lugar o restante de Baal, e o nome dos sacerdotes dos ídolos, juntamente com os sacerdotes.

Os profetas revelam a condição da religiosidade popular no antigo Israel, pois fazem afirmações contundentes como em Jer 2,28.

Onde, pois, estão os teus deuses, que fizeste para ti? Que se levanten, se te podem livrar no tempo da tua angústia; porque os teus deuses, ó Judá, são tão numerosos como as tuas cidades.

Podemos até pensar em divindades locais, que atendiam às cidades como era costume na Grécia antiga, ou como acontece hoje com a categoria de padroeiros na religiosidade popular brasileira.

Alguns achados arqueológicos vêm fortalecer essas observações tais como o altar de sacrifício em *Tell es-Seba'* e cinco construções, que parecem ser locais sagrados: *"Dois desses no centro sul das fronteiras de Judá (Tel 'Arad, Wadi Qattamat [Qitmit]), dois no centro e sul do Negev (Tell el-Qederat [Kadesh Barnea], Kuntilet Agrud) e um do lado oeste no centro do vale do Jordão (Tell Der Alla)."*⁵ Estes achados vêm corroborar com os textos, mostrando que na religiosidade popular do antigo Israel havia uma prática de peregrinação e ofertas múltiplas de sacrifícios para divindades além de *Jahwe*.

Temos vários relatos do período de Manassés com diversas práticas cúlticas, como vimos acima, que parecem bem populares ressaltando cultos a *Ashera*, *Ba'al* e ao Exército do Céu, bem como sacrifícios humanos, que parecem comuns, sobretudo no vale de Hinon em Jerusalém. O agravante destas práticas neste

⁵ Weippert, *Ibd.* p. 623.

período, além do terrível sacrifício infantil em Jerusalém, é a introdução da imagem de *Ashera* no templo de *Jahwe*.⁶

E até fez passar a seu filho pelo fogo, adivinhava pelas nuvens, era agoureiro e ordenou adivinhos e feiticeiros; e prosseguiu em fazer o que era mau aos olhos de Jahwe, para o provocar à ira. Também pôs uma imagem de escultura, de Asera que tinha feito, na casa de que Jahwe dissera a Davi e a Salomão, seu filho: Nesta casa e em Jerusalém, que escolhi de todas as tribos de Israel, porei o meu nome para sempre. II Rs 21,6-7.

Estas práticas de sacrifício humano, especialmente dos filhos, discutido no espelho das sagas com Abraão e Isaque, no qual "*Elohim*" pede o sacrifício do filho e que o "*Maleaq Adonai*" o impede, colocando um cordeiro para o holocausto, parecem bem comuns no antigo Israel, como vemos também no testemunho de II Rs 16,2-4:⁷

Tinha Acaz vinte anos de idade quando começou a reinar, e reinou dezesseis anos em Jerusalém, e não fez o que era reto aos olhos de Jahwe seu Deus, como Davi, seu pai. Porque andou no caminho dos reis de Israel, e até a seu filho fez passar pelo fogo, segundo as abominações dos gentios que Jahwe lançara fora de diante dos filhos de Israel. Também sacrificou, e queimou incenso nos altos e nos outeiros, como também debaixo de todo o arvoredor.

Também no reinado de Oséias conhecemos essas práticas cúlticas, como testemunha II Rs 17,16-17:

E deixaram todos os mandamentos de Jahwe seu Deus, e fizeram imagens de fundição, dois bezerros; e fizeram um ídolo do bosque, e adoraram perante todo o exército do céu, e serviram a Baal. Também fizeram passar pelo fogo a seus filhos e suas filhas, e deram-se a adivinhações, e criam em agouros; e venderam-se para fazer o que era mau aos olhos de Jahwe, para o provocarem à ira.

As críticas do profeta Jeremias nos ajudam a perceber que essas práticas fazem parte do dia a dia do povo de maneira bem popular, não apenas em Jerusalém, mas por muitas cidades de Judá. Isso implica dizer que a religiosidade popular do antigo Israel não se limitava a uma devoção centrada no templo, com as práticas litúrgicas fixadas no calendário anual das festas e nas orientações sacerdotais, mas muitas outras expressões de devoção a uma diversidade de divindades.

⁶ Ver também II Cr. 33,1-7.

⁷ Ver também II Cr. 28,1-4.

Porventura não vês tu o que andam fazendo nas cidades de Judá, e nas ruas de Jerusalém? Os filhos apanham a lenha, e os pais acendem o fogo, e as mulheres preparam a massa, para fazerem bolos à rainha dos céus, e oferecem libações a outros deuses, para me provocarem à ira. E edificaram os altos de Tofete, que está no Vale do Filho de Hinom, para queimarem no fogo a seus filhos e a suas filhas, o que nunca ordenei, nem me subiu ao coração. Jer 7,17-18.31

Podemos perceber que estas práticas religiosas eram muito comuns e intensas e espalhadas, não eram limitadas a uma única região ou única cidade.

Conclusão:

Esta breve panorâmica já nos possibilita responder positivamente a questão que foi levantada no título deste texto. Mas, não podemos deixar de perceber que uma leitura da religiosidade popular do antigo Israel requer um olhar cuidadoso e criterioso, pois a complexidade da religiosidade refletida no Antigo Testamento é muito maior do que podemos pensar em um primeiro momento. Como vimos, não se trata apenas de um conflito do jahwismo com outras religiões, mas dentro do próprio jahwismo vamos ver muitas variantes de expressão popular além das impostas pelos sacerdotes. Há, ainda, a presença de outras divindades paralelas, que não negam o culto ou a devoção a *Jahwe*, mas acrescentam a esta devoção um algo mais. Por isso, encontramos muitas divindades dentro do templo e nas práticas dos diversos santuários. Distantes de Jerusalém podemos encontrar a convivência "harmoniosa" de práticas cúlticas a *Jahwe* e outras divindades. Os achados arqueológicos nos ajudam a fundamentar isto, pois o volume de imagens de *Ashera* encontrados em escavações é muito grande, testificando materialmente a popularidade desta divindade.

É preciso afirmar, contudo, que o movimento profético é uma reação clara a esta forma de compreender o mundo, expressa nesta religiosidade. Este movimento percebe o sentido desta pluralidade religiosa e propõe uma devoção única a *Jahwe*. Como acontece com Micaías bem Inlá, um profeta marginal, que disputa com quatrocentos profetas oficiais e profetas de corte para atender a uma demanda de aliança entre Acabe e Josafá, já que tinham a necessidade de uma consulta para um possível ataque a Ramote Gileade.

Ou seja, o próprio movimento profético tinha seus conflitos internos, no que concerne sua posição diante da devoção única a *Jahwe*. Apesar de se tratar de um movimento extremamente complexo, podemos afirmar que os profetas que deixaram seus textos no cânon do Antigo Testamento propõem, em sentido geral, um monoteísmo prático e não um monoteísmo teórico. Em outras palavras, há uma

proposta de uma religiosidade que considere, na prática, uma única divindade, pois isso colocaria os seres humanos em um mesmo patamar diante de Deus. O politeísmo praticado no Médio Crescente era desestabilizador da sociedade, pois impossibilitava a justiça comunitária (*tzedaqah*), uma vez que desigualava as pessoas, impondo a opressão sobre os mais fracos, como as crianças, que eram sacrificadas, as mulheres, que deveriam reverenciar a *Ba'al* (quer dizer marido), sendo muitas "usadas" para os cultos de fertilidade. Seguir a um só Deus, como propõe a *Torah*, significa colocar todos os seres humanos em um mesmo patamar; neste sentido, nada poderia ser mais libertário que o monoteísmo prático, no qual todos estavam igualmente diante de *Jahwe*, sob seu cuidado e proteção. Assim, homem e mulher eram igualmente imagem e semelhança de Deus.

Os profetas que defendiam isto eram, em sua maioria, aqueles que se envolviam diretamente com a dor do povo, percebendo os desequilíbrios estabelecidos na sociedade com a visão de que as divindades defendem os direitos "particulares" das cidades, dos homens, das mulheres, mas não percebem o todo da sociedade de Israel, olhando o todo como povo, como acontece com o Jahwismo: "Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo".

É, por certo, um grande desafio perceber com cuidado a vivência popular da religiosidade do povo do antigo Israel, não apenas pelo testemunho do Antigo Testamento, mas também dos achados arqueológicos, que são muito ricos. Contudo, incorremos no perigo de simplificar demais as coisas ou de achar que não havia nenhum elemento orientador nos testemunhos, no processo de formação da *Torah* e no movimento profético.

Bibliografia:

Bíblia Hebraica Stuttgartensia. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1990.

Bíblia Sagrada. [Trad. João Ferreira de Almeida - De Acordo com os Melhores Textos em Hebraico e Grego]. Rio de Janeiro: Imprensa Bíblica Brasileira 1976.

CRÜSEMANN, Frank. **Die Tora: theologisches und Sozialgeschichte des alttestamentlichen Gesetzes.** München: Chr. Kaiser, 1992.

De MOOR, J.C. 'serah, In: Botterweck, G. Johannes e Ringgren, Helmer. **Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament Band I,** Stuttgart/Berlin/Köln/Mainz: Verlag W. Kohlhammer, 1973.

FOHRER, Georg. **História da Religião de Israel** [Trad. Josué Xavier], São Paulo: Academia Cristã/Paulus, 2008.

MAIR, Lucy. **Introdução à Antropologia Social.** 6ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.

WEIPPERT, Helga. **Palästina in Vorhellenistischer Zeit (Handbuch der Archäologie Bd. I)**. München: C. H. Beck, 1988.

WESTERMANN, Claus. **Genesis**: Genesis 12-36, Band I/2, 2. Auflage. Neukirchen-Vluyn: Neukirchener Verlag, 1989.